

CÚPULA DE SEGURANÇA EM MOSCOU: O EIXO RÚSSIA-CHINA E ALIADOS REDESENHAM A ORDEM MUNDIAL?

Por Giuseppe Gagliano*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

O Encontro Internacional de Altos Oficiais de Segurança em Moscou demonstra que Rússia, China e aliados vão além da simples crítica para a construção ativa de uma alternativa à ordem unipolar dominada pelos EUA.

De 27 a 29 de maio de 2025, Moscou sediou o 13º Encontro Internacional de Altos Oficiais de Segurança, um evento que, longe dos holofotes da mídia ocidental, reuniu uma gama impressionante de figuras-chave na inteligência e segurança globais.

Sob a presidência de Sergei Shoigu, secretário do Conselho de Segurança Russo, este fórum contou com a presença de delegações de mais de 125 países, principalmente do Sul Global, da Comunidade de Estados Independentes (CEI), da Organização do Tratado de Segurança Coletiva (OSTC), da União Econômica Eurasiática (UEE) e da Organização de Cooperação de Xangai (OCX).

Entre os participantes estavam alguns nomes significativos: o chefe do MIT turco, o ministro da Justiça do Talibã, altos funcionários iranianos e, acima de tudo, Chen Wenqing, um membro influente do Politburo do Partido Comunista Chinês (PCC), cuja presença deixou uma impressão duradoura.

Esta cúpula, organizada em um contexto geopolítico tenso, não foi uma simples reunião protocolar. Faz parte de um desejo declarado da Rússia e de seus parceiros, principalmente da China, de construir uma arquitetura de segurança alternativa, desafiando a hegemonia ocidental.

O aperto de mão entre Shoigu e Chen Wenqing, immortalizado em 28 de maio, simboliza muito mais do que um gesto diplomático: representa o fortalecimento de uma parceria estratégica sino-russa, que se estende de questões militares à luta contra o terrorismo, o separatismo e o tráfico de drogas. As duas potências, unidas por atores como Irã, Índia e representantes de países africanos e asiáticos, buscam lançar as bases de uma ordem mundial multipolar, longe dos ditames de Washington e Bruxelas.

A escala do evento é reveladora. Mais de 150 convites foram enviados, e a participação maciça – 126 delegações confirmadas – atesta a crescente atratividade deste fórum para nações do Sul e do Leste. A presença do controverso ministro da Justiça do Talibã ilustra a audácia de Moscou em reunir atores marginalizados pelo Ocidente. Da mesma forma, a participação do MIT turco, de um país membro da OTAN destaca as ambiguidades estratégicas de Ancara, que navega entre suas alianças atlânticas e suas aproximações com Moscou e Pequim.

As discussões, muitas vezes realizadas a portas fechadas, abordaram questões cruciais: segurança cibernética, combate ao terrorismo, mas também a necessidade de “soberania equitativa”, como Vladimir Putin enfatizou em seu discurso de abertura por videoconferência.

Putin, além disso, não mediu palavras. Em seu discurso, ele pediu uma nova arquitetura de segurança global, “justa e equitativa”, onde cada estado se beneficiaria de fortes garantias sem comprometer a segurança dos outros. Uma mensagem que ressoa particularmente entre os países do Sul Global, muitas vezes cansados da interferência ocidental. Shoigu, por sua vez, manteve inúmeras reuniões bilaterais, notadamente com o presidente da República Sérvia da Bósnia, Milorad Dodik, e o ministro norte-coreano da Segurança do Estado, Ri Chang-dae. Com o Irã, ele insistiu na rápida ratificação de um acordo de parceria estratégica, um sinal de um alinhamento fortalecido entre Moscou e Teerã.

Mas é a presença chinesa que dá a esta cúpula um significado especial. Chen Wenqing, uma figura importante no regime de Pequim, não estava lá por acaso. A sua participação fez parte de uma dupla abordagem: por um lado, consolidar o mecanismo de cooperação sino-russa em matéria de segurança e aplicação da lei; por outro lado, afirmar o papel da China como um ator-chave na governança da segurança global. As trocas já intensas entre Pequim e Moscou – como evidenciado pela visita de Shoigu à China em novembro de 2024 – se concentraram em ameaças comuns, principalmente terrorismo e extremismo, mas também em uma visão compartilhada de um mundo onde as potências emergentes teriam uma voz mais forte.

Este fórum, muitas vezes ignorado pela mídia ocidental, é, no entanto, um sinal claro. Rússia, China e aliados não se contentam mais em criticar a ordem unipolar dominada pelos EUA; Eles estão ativamente construindo uma alternativa. A

ausência de delegações ocidentais, com exceção de alguns observadores discretos, ressalta o crescente abismo entre duas visões de mundo. Enquanto o Ocidente depende de sanções e alianças como a OTAN, Moscou e Pequim estão tecendo uma rede de entendimentos baseada na cooperação pragmática e na não interferência. O seminário científico sobre questões de segurança global, organizado pela primeira vez à margem do fórum, também reforçou essa ambição intelectual de repensar os paradigmas de segurança.

Em segundo plano, as tensões com o Ocidente permanecem palpáveis. As discussões sobre a crise ucraniana, embora marginais, revelaram divergências: enquanto a China e a Rússia defendem um “consenso de seis pontos” para a redução da tensão, o Ocidente permanece entrincheirado em uma postura de confronto. Da mesma forma, as críticas chinesas às sanções dos EUA, que acusa de “perturbar a ordem econômica global”, foram ecoadas em declarações russas sobre o roubo de ativos congelados pelo Ocidente.

Esta cúpula de Moscou não foi apenas uma reunião anual. Ela reflete um mundo em mudança, onde o equilíbrio de poder está sendo redesenhado em uma velocidade vertiginosa. A Rússia e a China, juntamente com seus parceiros, não estão apenas buscando se defender da hegemonia ocidental; Eles pretendem criar um sistema em que sua visão – multipolar, soberanista, pragmática – se tornará a norma. E se o Ocidente continuar a ignorar ou subestimar essas dinâmicas, corre o risco de acordar em um mundo onde não dita mais as regras.

Publicado no [Le Diplomate.Media](#).

***Giuseppe Gagliano** é presidente do Centro Studi Strategici Carlo de Cristoforis, em Como, Itália. É membro do comitê internacional de assessores científicos do Centre Français de Recherche sur le Renseignement (Cf2R).
